ARLEQUIM
REVISTA DE ACTUALIDADES
8 DE DEZEMBRO
1927
PREÇO 1$
Nº 5

Moveis para "Bungalow"

SE bem que os dormitorios e salas de jantar que havemos ultimamente annunciado vierem definir, de uma forma integral, a nossa posição de principaes fabricantes de moveis para "bungalow", os que fabricamos para outras dependencias, devem, por certo, solidificar ainda mais esse lisonjeiro conceito.

Moveis estofados, Guarnições para "hall" e entradas, Moveis para "fumoir" e bibliothecas, fabricados sob desenhos de nossos artistas, obedecendo á mesma elegancia e á mesma franqueza de linhas baixas, harmonisando-se, admiravelmente, aos ambientes dessas novas habitações.

Ternos estofados em damasco de seda, desenhos japonezes. Artigo luxuoso!

2:300$ e 1:800$

VALOR DE RELIQUIA

Detenha-se V. Exa. por alguns instantes ante o fino dormitorio de couro que ora expomos em nossa Galeria de Moveis e verá que:

E' feito para servir gerações, honrando, na posteridade, a memoria de seus doadores.

MAPPIN STORES

REVISTA DE ACTUALIDADES

PUBLICA-SE ÁS QUINTAS FEIRAS, EM SÃO PAULO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Libero Badaró, 28, 3.° andar, sala 14

CAIXA POSTAL 3323

PHONE CENTRAL 1.0.2.4

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Por anno . . 40$000

Por semestre 22$000

Numero avulso 1$000

GERENTE

Americo R. Netto

DIRECTORES

Sud Mennucci

Mauricio Goulart

Americo R. Netto

ILLUSTRADOR

J. G. Villin

COLLABORADORES:

ALBA DE MELLO (SORCIERE), MARIA JOSÉ FERNANDES, MARILÚ, AMADEU AMARAL, VICENTE ANCONA, RICARDO DE FIGUEIREDO, RAUL BOPP, GUILHERME DE ALMEIDA, SILVEIRA BUENO, FRANCISCO PATTI, J. RAMOS, EDMUNDO BARRETO, RUBENS DO AMARAL, PERCIVAL DE OLIVEIRA, MELLO AYRES, THALES DE ANDRADE, CORRÊA JUNIOR, BRENNO PINHEIRO, CLEOMENES CAMPOS, AFFONSO SCHMIDT, GALVÃO CERQUINHO, MERCADO JUNIOR, MARIO L. CASTRO, MARCELLINO RITTER, THEOPHILO BARBOSA, JOSÉ PAULO DA CAMARA, LÉO VAZ, ETC.

A acolhida que "Arlequim" recebeu ao nascer, carinhosa e lisongeira, nos ordena cuidemos seriamente da melhor organização da empresa, afim de podermos corresponder ao favor publico. Tratámos, porisso, de adquirir a nossa officina graphica. Isso nos facilita, além do mais, a pontualidade da entrega.

Assentado o plano, surgiram as difficuldades decorrentes da installação, o que nos força a não poder conceder todos os nossos cuidados á factura da revista, advindo dahi a impossibilidade em que nos achamos de dar o sexto numero a 15 do corrente.

Accresce que daremos, no dia 20 de dezembro um magnifico numero consagrado ao Natal, que trará collaboração assignada por Alba de Mello, Maria José Fernandes, Marilú, Amadeu Amaral, Léo Vaz, José Paulo da Camara, Clomenes Campos, Affonso Schmidt, Correa Junior, Raul Bopp, que já nos prometteram trabalhos especiaes. Como a edição foge ao molde commum e exige maior tempo de preparo, ser-nos-ia absolutamente impossivel, com as duas preoccupações, entregar em tempo o numero do dia 15.

O publico não terá senão a lucrar, pois que a edição do dia 20 será por todos os titulos magnifica.

A VISÃO DOS CRYSTAES

Um poeta, em frente á casa Otto Schloenbach Filho, escreveu o bello soneto abaixo :

Ora, um prisma irisado, ora, a taça elegante,
As jarras e os florões, lembram o palacete
Esbelto, a Luiz XV, a musica empolgante,
Duquezas e barões dançando o minuette.

No vaso da Bohemia, o aroma embriagante
De rosas e jasmins presos a um corpete,
Evocam téla amiga — a Dama de Brabante —
Que sobre as flores vae valsando no tapete.

A estatueta appolinea, entre a crystalleria,
Dum lustre senhorial, tem a galanteria
De festivo sarau em medievo castello.

A estatuaria, a pintura, a musica — eis o bello
— Todo elle resumindo a eterna poesia —
Que sonhei nos crystaes da linda galeria.

H. R.

AOS QUE NOS ESCREVEM

Léa — (Capital) Não. Não me diga nunca quem é. Continue a ser sempre a Léa que me telephona ás quintas-feiras e que me escreve ás vezes.

Léa, apenas. Sem sobre-nome, sem nada.

E não procure, tambem, saber quem se occulta sob o pseudonymo de Valerio e conversa com você e brinca com você.

Escute. Havia, em São Paulo, um poeta, cujos versos eram lagrimas. Era pequenino' rachitico, mulatinho, tinha os cabellos bastos, encaracolados e pretos. Um dia, esse poeta apaixonou-se por uma voz feminina que falava com elle pelo telephone e que elle não sabia de quem era, mas que achava linda.

E durou mezes esse edylio, crescendo, augmentando, intensificando-se sempre.

Um dia, elle não se conteve mais, e pediu, insistiu, supplicou um encontro : elle iria assim, ella poria uma rosa vermelha e grande sobre os seios.

Ficou tudo combinado e elle, timidamente ousado, uma grande esperança dentro no coração, um sorriso muito grande nos labios, sahiu para ver o seu amor. Meia hora depois, minha querida amiga, o poeta voltava, os olhos grandes arrasados de agua: ella sonhara um Adonis e elle era pequenino, rachitico, mulatinho, de cabellos bastos, pretos e encaracolados...

Não procure nunca saber quem eu sou, Léa, e não me diga nunca quem você é.

Colombina — (Capital) Você ouviu o que eu disse á Léa? E teve uma grande desillusão, não é?

Você pensava que em "Arlequim" só houvesse rapazes alegres, capazes de amarem todas as mulheres de uma só vez e incapazes de quererem bem, siquer, a uma, apenas.

Pois pode continuar a pensar assim. Eu estava pilheriando. Cansei-me de mim e metti, por um instante, a mascara ridicula de Pierrot no rosto.

A sua carta, que vae publicada lá nas paginas de glacé, está encantadora. Deveria ter vindo assignada, mas... a uma mulher intelligente perdoa-se tudo, menos que seja resignada. Continue, pois, a infrigir ás ordens de "Arlequim" e a nos enviar a sua bella collaboração.

Rachel — (Santos) Quem é Marilu' e o "seu amigo mau"? Impossivel contar-lhe isso. Ella é um bello espirito mettido num corpo escultural, e elle, o "seu amigo mau" deve ser o mais feliz dos homens para ser lembrado por ella a cada instante.

O mais feliz ou o mais desgraçado. Isso depende. Porque ser lembrado a cada instante por uma mulher bonita e de espirito não é, positivamente, das posições a mais commoda...

Joaquina — (Santos) Tenha paciencia, mas, com esse pseudonymo, não se arranja nada aqui em casa. Escolha outro, que dê á gente ao menos a impressão de que você possa ser interessante, e volte, "querendo".

Carmen — (Piracicaba) Uhn ! A sua letra nervosa e irregular, o "Tabac Blond" de que está cheia a sua carta, os seus conceitos ousados, esse "Carmen" que você escolheu e que põe arrepios na gente...

O que vale é que Piracicaba está muito longe, ahi nessas collinas, onde só pode chegar a lembrança de "Arlequim"...

E. V. — (Capital) Impossivel. Só attenderiamos ao seu pedido se estivessemos loucos.

Transcrever a sua carta na qual você traça o perfil de um rapaz moreno, que mora não sei em que rua e cujos olhos pretos lhe puzeram agua na bocca?

Nunca.

Ermelinda — (Sertãosinho) Obrigado pelas palavras carinhosas que lhe mereceu a nossa Revista.

O seu soneto, infelizmente, não pode ser publicado. Falta-lhe forma mais cuidada, embora nelle haja outras qualidades, como a do rythmo, por exemplo, e que para nós tem grande valor. Um pouco de esforço e vontade, e você produzirá trabalho muito bom. Continue a nos enviar os seus versos.

Castro — (Capital) Impossivel publicar os seus versos. Mas você tem sensibilidade e poderá fazer coisa melhor, futuramente.

VALERIO.

Quadro de Watteau

DANTON VAMPRÉ

PERSONAGENS:
Condessa de Solange
Marquez de Bois Fleury

Canto de salão, com uma galeria de quadros. Ao F., em ponto grande, tomando-o todo, o quadro de Watteau "Le bal sous une colonnade" Mobiliario elegante. Largos reposteiros. Tudo estylo Luiz XIV. Na orchestra um motivo subtil de minuete. Melodia antiga, suave como uma evocação. Lentamente, as duas principaes figuras do quadro se movem, como acordando de um grande sonho de seculo. E' quasi em surdina, numa saudade e numa rememoração que principiam a fallar. A seu tempo, descerão vagarosamente do quadro. O dialogo será travado já, em meio da scena.

CONDESSA

Deixe, Marquez, que eu lhe diga,
Prosiga,
Prosiga sempre a dansar,
Pois dansa com muita graça,
Qual leve pluma que esvoaça
No ar.

MARQUEZ

Não ria, não escarneça,
Condessa.

CONDESSA

Senhor Marquez, por quem é!.
Dansa (diga-o sem jactancia)
E com bizarra elegancia
Até.
Se quizer, continuemos,
Dansemos
O minuete encantador,
E os dois, emquanto dansamos,
Digamos
Doces palavras de amor
E meigos, vivos, risonhos,
Cantemos nossos desejos,
Na cavatina dos sonhos,
Na serenata dos beijos...

MARQUEZ (*Com timidez envergonhada*)

Condessa...

CONDESSA (*Numa mesura*)

Caro Marquez!.
Gentil como um bom francez,
Ha de attender bem depressa
Ao que lhe peça...

MARQUEZ

Condessa...

CONDESSA

Se prefere, de mãos dadas,
Colladas,
Iremos os dois... o par,
Sonhar,
Numa alea merencorea,
Sob a tristeza marmorea
Do luar...

MARQUEZ (*Com embaraço*)

Confesso a Vossa Excellencia...
Encanta-me a preferencia...

CONDESSA

Attenderá bem depressa
Ao que lhe peça?

MARQUEZ

Condessa..

CONDESSA

Cantemos, então risonhos,
Os nossos meigos desejos,
Na cavatina dos sonhos,
Na serenata dos beijos!
(*Descem*)

CONDESSA (*Rindo*)

Como é interessante a sua timidez!

MARQUEZ

Queira me perdoar, eu falo mal francez,
Como já percebeu, aliás, V. Excellencia,
E...

CONDESSA (*Atalhando-o*)

E' estrangeiro, Marquez?

MARQUEZ

Perdão, sou de Valencia.
Mas trae-me esta pronuncia, e ao trahir-me, revela
Que sou visinho da fronteira de Castella.

CONDESSA (*Sonhadora*)

Marquez: V. Excellencia é, então quasi da Hespanha...
Terra de madrigaes, original e estranha.
Raparigas de garavim sob a mantilha...
As festas em Madrid, "Los Toros" em Sevilha...

MARQUEZ

Julgou, porém, meu pae, que eu aprender devia
Os segredos da espada e da galanteria,
Na côrte do meu Rei...(Pois que, minha senhora,
A côrte de Luiz XIV é encantadora !)
E resolveu enviar-me á capital da França.

CONDESSA

Mas tão jovem, Marquez... ainda tão creança !
Idade em que se não arrosta nem a barba.
O perigo...

MARQUEZ

Perdão, mas eu já faço a barba !
Já não tenho mais ama e já não ando ao peito;
Tenho vinte annos. .Sim, sou quasi um homem feito.

CONDESSA

Vinte vezes creança !...Aos vinte annos em flôr !
Da vida ignora tudo...Ora, a vida é o amor !
E não sabe reunir, no delirio de um beijo,
O espirito e a carne, o ideal e o desejo !
E nem nunca provou a doçura tão acre
Que ha na curva gentil de uns labios cor de lacre!
Oh ! Como é bom cantar, num beijo extasiado,
A cantiga do amor... a canção do peccado !
(*Transição intencional*).
Não ama assim, não é? E' mais sentimental,
Mais ingenuo, talvez...

MARQUEZ (*A parte*)

Isto inda acaba mal !
(*Alto*).
Condessa, faz de mim, — permitta — um juizo errado
Nestas questões de amor... sou experimentado.
E tenho a vida já bem cheia de aventuras
D'amor.

CONDESSA (*Com leve ironia*)

E' um aprendiz.

MARQUEZ (*Sorrindo*)

Sel-o-ei, para as futuras...
Na casa de meu pae, casa nobre e abastada,
Tinha uma vida alegre, uma vida estouvada,
A divertir-me, no intervallo das lições,
Ora á pesca, ora á esgrima, ora á caça aos faisões,
Ou, como todo o namorado que se preza,
Cantando, em verso, as moças lá da redondeza.
Nos meus versos...

CONDESSA (*Com interesse*)

E' poeta, então, pelo que vejo...

MARQUEZ

Em toda a mocidade ha sempre um verso e um beijo.
No verso extravasei toda a minha alma extatica,
Em protestos de amor e em erros de grammatica.
Mas todos que cumpuz, continham subtilezas
De rima, ao pensativo olhar das camponezas...
Uma dellas... a bocca, a face rosiclér,
Era menos que um anjo e mais que uma mulher...
De um marmore pagão tinha a belleza eterna,
(*Com mal contido enthusiasmo*)
As mãos, o braço, o collo, o tornozello, a perna...

CONDESSA (*Vivamente*)

Viu a perna tambem?

MARQUEZ (*Detendo-se*)

Não vi, perdão... protesto.
(*Numa saudosa evocação*)
Mas, pelo tornozello, imaginei o resto !
Que lindo era esse idyllio em noites enluaradas,
Sob o mysterio em flôr das sebes perfumadas...
O meu amor ingenuo era um cantico harmonico..
Era um amor...

CONDESSA

Já sei: era um amor platonico !
Um amor infantil, sonho da adolescencia,
Sem perigo nenhum, nenhuma consequencia.
Nunca sacrifiquei a esse sentimento
A minha mocidade... e o meu temperamento !
(*Exaltando-se*)
O amor é, para mim, a razão e a loucura,
A dor que tresvaria, o prazer que tortura !
E' o delirio com o raciocinio, de mãos dadas,
O desejo e a pureza em duas boccas colladas,
Todo sinceridade e todo inconsciencia,
Onde domina, a um tempo, a carne e a intelligencia.
Uma gamma que vae, ardente e musical,
Do que ha de mais impuro, ao que ha de mais ideal!
(*Num transporte*)
Ah! Como eu saberei amar a quem me entenda,
A quem minh'alma incomprehendida comprehenda!
(*Intencional para o Marquez*)
A esse homem, ah ! como eu saberei amar !

MARQUEZ (*Confuso*)

Condessa... (*A' parte*) Santo Deus, onde isto irá parar?

CONDESSA

Não se lembra do par que aqui esteve, outro dia,
Quasi a ponto de pôr em pratica... a theoria?
(*O Marquez sacode a cabeça — que não*)
Um artista, um pintor, d'uma graça insolente,
Das guias do bigode, ao gesto displicente,
Desde a luneta de oiro, ao sorriso escarninho.

MARQUEZ (*aponta o quadro*)

Não vi... Estava a olhar, Condessa, o seu cãosinho.

CONDESSA (*proseguindo*)

E uma operaria loira. Ambos alegres, vivos,
Tinha ella, no olhar, dois astros pensativos
E languidos... E os dois, olhando para nós,
Pareciam estar, entre os demais, a sós.
(*Exaltando-se aos poucos*)
Oh ! Como é bom fugir... viver no paroxismo
Duma paixão, e fóra, emfim, do prosaismo
Da vida, entretecer, então, de alma submissa,
Um ninho á beira azul de um lago da Suissa...
(*Transição*)
Não é lindo, Marquez, este meu ideal?

MARQUEZ (*A' parte*)

Isto — eu desconfio — acaba muito mal !
(*Alto*)
E' lindo, lindo sim...

UMA VOZ (*Do quadro*)
Depois da recepção
Eu esperal-a-ei junto ao caramanchão.
CONDESSA (*Embaraçada*)
Como disse, Marquez?
MARQUEZ (*Embaraçadissimo*)
Que diz minha senhora?
CONDESSA
Mas eu...
MARQUEZ
Mas eu...
A VOZ
Duqueza, então, á mesma hora.
CONDESSA (*Rindo*)
Tem graça, tem, Marquez. Só agora percebi:
E' o senhor Barão André de Montargis
Cantando um madrigal á Duqueza...
MARQUEZ
Sentido!
As paredes aqui, Condessa, têm ouvido.
CONDESSA (*Assustada*)
Ouça! Creio, Marquez, que se approxima alguem.
Voltemos para o quadro... Espere.. Não... Não vem.
MARQUEZ (*Prestando o ouvido*)
Para cá... Já se afasta... E', talvez, a cascata...

(*Lá fora, sob as janellas abertas, sente-se a serenata que se approxima. E', primeiro, uma surdina longinqua, onde ha violinos que soluçam e tremulinas de bandolins. Depois, uma voz quente que vibra no silencio da noite. Afinal um murmurio cascatinando e morrendo na distancia. Um cicio, uma vibração e um perfume...*)
(*Na representação canta-se apenas a primeira estrophe da serenata*).
VOZ (*Fóra*)
Elmo, broquel, lança, armadura,
Altos montantes e punhaes,
Fui cavalleiro da Aventura
Nos velhos tempos medievaes.
O olhar feroz, má catadura.
Entrei castellos senhoriaes,
Peregrinei, numa loucura,
Empós chimeras e idéaes;
Mas de tal graça e formosura
Mulher alguma vi jámais,
— Face, divina flor de alvura,
— Olhos, peccados infernaes...

Guitarra ao collo, a voz segura,
Entre vinhedos e rosaes,
Cantei a minha dor obscura,
Minhas angustias e meus ais.
E, Trovador da Desventura,
Dormi á sombra dos beiraes,
Sob latadas de verdura
Cheias de aromas virginaes,
Mas, nem em sonhos, vi figura,
De tal prestigio, de olhos taes;
— Face, divina flor de alvura,
— Olhos, peccados infernaes.

Ao peso da estamenha escura,
Sob os ardores tropicaes,
Ergui a mão callosa e dura,
Abri, chorando, os embornaes.
Mendigo — andei, entre amargura,
Por valle e monte, estradas reaes,
Vi rostos de ideal brancura
e olhos — auroras boreaes.
De tal belleza e tal frescura,
Mulher alguma vi jámais:
— Face, divina flor de alvura,
— Olhos, peccados infernaes.

Poeta e soldado sem ventura,
Monge sem fé, sem ideas,
Toda uma noite de loucura
Levo nos olhos espectraes,
— Por essa estranha flor de alvura,
— Por esses olhos infernaes...

CONDESSA (*Num enlevo*)
Como é linda a canção!
MARQUEZ
Toda amor e saudade!
CONDESSA
Ha sempre um verso e um beijo em toda a mocidade...
MARQUEZ
Excepção feita a nós, porque, por desventura,
Temos a mocidade eterna da figura,
E seguimos assim os destinos humanos
Com a nossa juventude...
CONDESSA
Ha já trezentos annos!
MARQUEZ
Succedem-se, no tempo, os homens e os artistas,
E, pelos homens, pelo tempo, somos vistas
Sempre através do prisma aurifulgente da arte!
E, quer venha, quer vá — o que passa e o que parte,
Ninguem, pois que ninguem nossa historia compulsa
Sabe que um coração em nós, offega e pulsa!
CONDESSA (*num crescendo de exaltação*)
Ninguem sabe que o amo... Oh! não, não, ninguem sabe
Todo o abysmo de angustia, escancaro, que cabe
Dentro do meu amor e do meu soffrimento!
Ninguem sabe que ergui com um recolhimento
De prece, na união dos nossos corações,
A torre de marfim das minhas illusões! (*Exhausta, offegante*)
E' a minha confissão... Espero a penitencia,
Marquez...
MARQUEZ
De coração eu a absolvo, Excellencia.
Não a ter comprehendido e não ter adivinhado
Um tão doce segredo — esse foi meu peccado.
(*Transfigurando-se*)
Oh! Deixe que eu aprenda a unir, dentro de um beijo,
O espirito com a carne, o ideal com o desejo!
Possa eu tambem cantar, num beijo extasiado,
A cantiga do amor... a canção do peccado.
E se póde o perdão encontrar os meus passos,
Condessa, — eu quero o meu sobre a cruz dos seus braços!
(*A' parte, outro tom*)
Eu bem sabia que isto ainda acabava mal!
CONDESSA
Marquez de Bois-Fleuri, pertence-me, afinal!
Oh! Dê-me a sua mão. a minha.
E, agora...

(*Conclue á pagina 24*)

ARIEAVIM

DIRECTORES:
SUD MENNUCCI
MAURICIO GOULART
AMERICO R. NETTO

PUBLICAÇÃO SEMANAL EM SÃO PAULO

ANNO I — 8 DE DEZEMBRO DE 1927 — N. 5

EM LOUVOR DE SÃO PAULO

As cidades são como as mulheres.

Não sei si esta observação possue o valor de uma affirmativa ainda inedita. A verdade é que ella se me escapa do bico da penna sem esforço, com a expontaneidade intima de coisa creada e vivida no recesso da minha individualidade. Vá que o seja. Faz-se, pois, mistér, uma explicação.

Ha mulheres lindas e ardentes, que deslumbram ao primeiro contacto dos nossos olhos, enchendo-nos de não sei que extranha vibração, alvoroçando-nos o sangue com a simples irradiação da sua beleza visivel. Vêl-as é sentir perto dos pés a face escancarada de um abysmo, em cujas visinhanças desabrocham flores e cantam ninhos insidiosos. Mas, os sentidos são cegos. A pobre carne humana é a eterna escrava incorrigivel. E o homem que se deslumbra não encontra, na fornalha maravilhosa da vontade, o fogo, em que possa moldar o instrumento victorioso da sua rebeldia. A fascinação não é, todavia, duradoura. E a belleza marca apenas o espaço de uma queda e o rythmo de um gemido inutil..

Ha mulheres, entretanto, que dir-se-ia esconderem, num gesto inappercebido, o thesouro dos seus encantos. O primeiro contacto dos seus olhos não nos perturba. A sua graça é de recolhimento. E' feita de misterios a sua realeza. Por ellas passam, muitas vezes, os caminhantes sedentos de inspiração e de ternura, sem que lhes fira a retina essa poesia velada e profunda. Talvez mesmo, si a conhecessem, detivessem ali por algum instante os olhos cansados, e dessem de andar para onde os guiasse a febre da curiosidade.

Que o digam os *touristes*, esses D. Juans da paizagem, para os quaes o Rio de Janeiro é a Cidade-Mulher por excellencia.

E' que o Rio é, na verdade, uma festa e uma exaltação para os sentidos humanos. O brasileiro tem nessa cidade a mais eloquente justificativa para a sua classica preguiça. Não é um homem o homem que faz diariamente a Avenida: é um boneco ambulante, capaz de sacrificios inacreditaveis, para realizar, no vasio da sua existencia, a sua unica funcção apreciavel — passear.

Porque é bella, a Cidade é caprichosa; e ha que contental-a, seja como for. E' essa a noção de quantos, attrahidos pela fama de sua belleza, abandonam o pequeno e desprotegido pedaço de terra provinciana para sentirem na face o beijo vestiginoso da Cidade-Suprema.

De tal sorte, que a quem vae de São Paulo affigura-se o Rio, a certas horas, uma enorme agglomeração de homens desilludidos, buscando encher as ultimas horas com uma gritante e affectada alegria...

Inutil demovel-os dessa loucura. Uma ou outra criatura recatada no silencio do seu sonho por alli deslisa, como estrella cadente. O goso immediato da vida embriaga as multidões. A luz que alaga as avenidas é um Lethes assombrador.

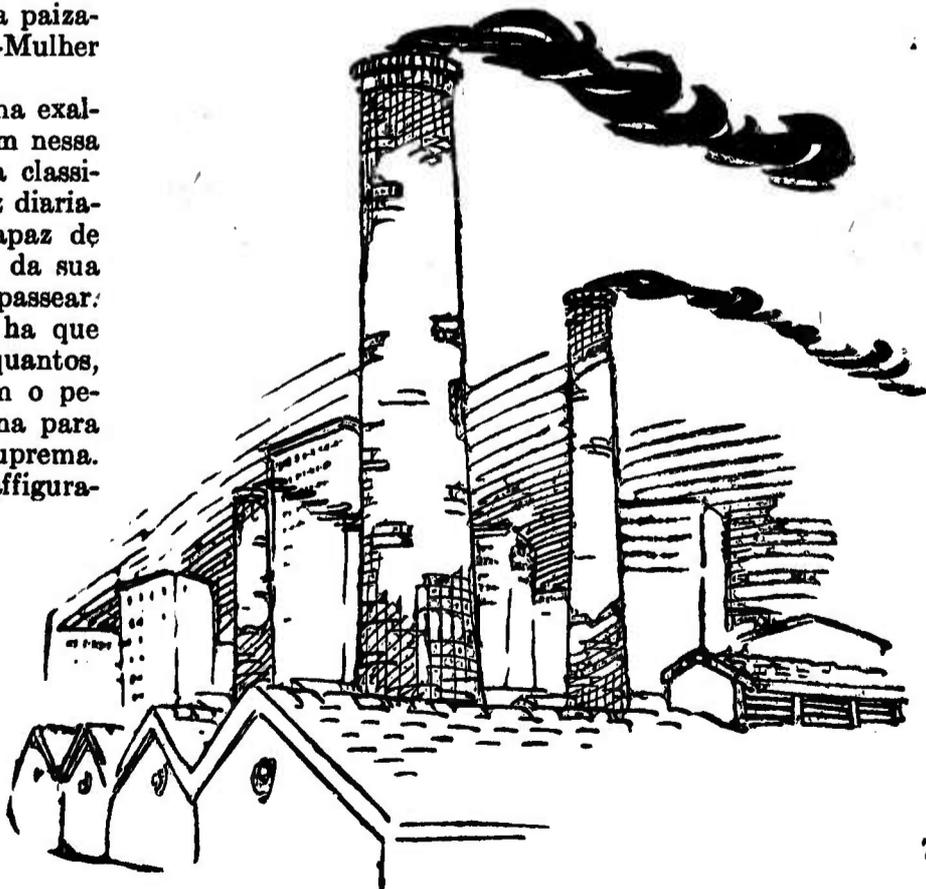
Mas, olhae agora para São Paulo:

Na meia tinta da sua garôa, forjam-se energias que dão para alimentar toda a fome do territorio. A' sua penumbra de cidade ingleza, o pensamento novo do paiz exige as columnas vertebraes do grande organismo de amanhã. Sob a toada das suas fabricas, alargam-se os horisontes da prosperidade nacional, crescem as searas, culminam as familias, radiculam-se as crenças, santifica-se o trabalho.

A Paulicea é uma rapariga previlegiada e modesta. E' uma rainha sem apparatos. Não lhe fulgem aos dedos os anneis da sua fortuna incomparavel. O seu throno não é o scenario das apotheoses estonteadoras. As suas avenidas não são pretextos á ostentações.

A vagabundagem não entra nos seus jardins encantados.

Cidade suave! continua em teu destino...

CORRÊA JUNIOR

ARLEQUIM

MASCARA DE COLOMBINA

A QUE DANSAVA PARA MIM

Foi a felicidade
que me trouxe a canseira da alegria;
Foi a doçura
que me deu esta serenidade luminosa,
que dos teus olhos copiei;
Foi a piedade
que me alagou de renuncia o coração,
repleto que elle está dos ridiculos alheios;
Foi a saciedade
que me despojou daquelle antigo enthusiasmo
com que eu enlouquecia a teus pés,
enlouquecendo-te os dias, longamente, a fio...

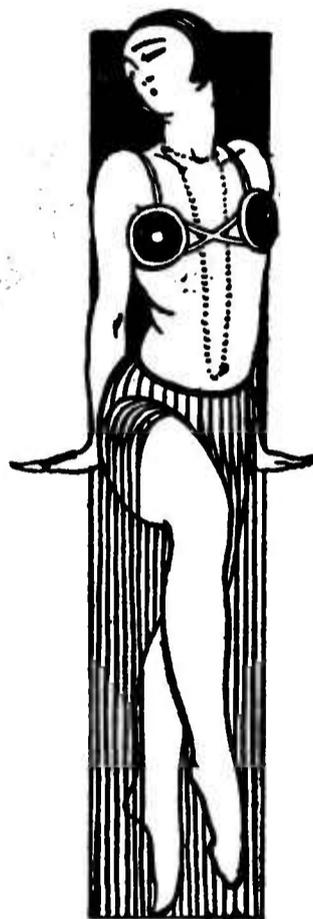
Foram as tuas amphoras
que me embebedaram durante tanto tempo,
e foi por causa dellas
que os meus olhos se nublaram
e que não reparei, nunca mais, na bellesa das mulheres,
recordando-te e vendo-te somente,
a ti, que possues as amphoras de marfim mais delicadas e mais raras,
mais finas e mais artisticas,
que ainda transbordaram debaixo do sol.

Ellas cheiram a hortelan,
com suavidades de nymphas
e castanholeios sevilhanos.

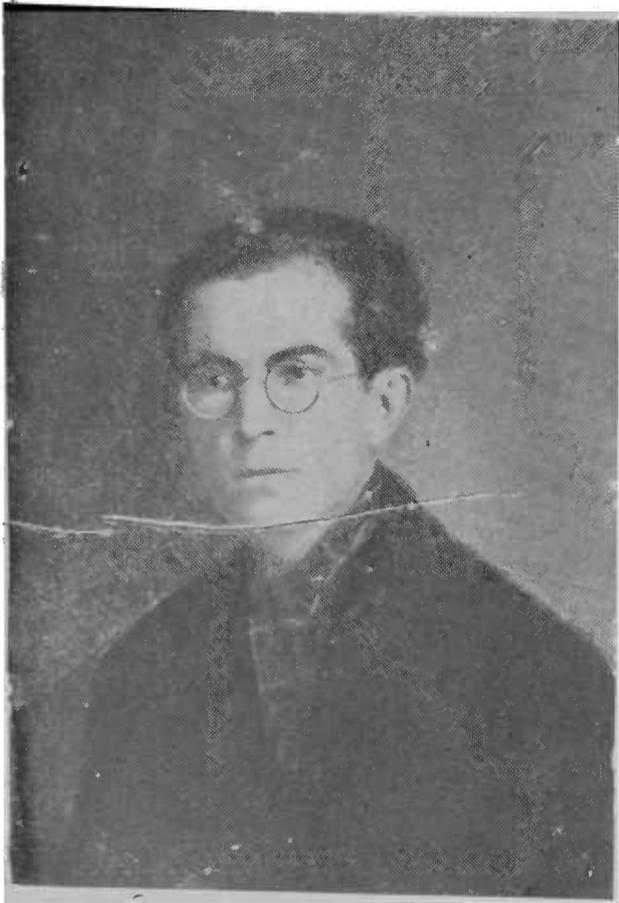
Foram as tuas amphoras,
saciando-me,
que me deixaram faminto,
todavia,
como uma panthera captiva,
ilhada de precipicios,
dias e dias a fio,
com esta fome de deleites com que te lembro e te quero,
para outra vez tactear as fimbrias albinas dos teus ageis dedos de nordica,
trescalando a endro e a murta,
a cravo e a sandalo...

Foi a felicidade
que me trouxe o cansaço de viver...

Foram as decepções
que na alma me gravaram
esta polychromia de maguas
em que appareces como sendo
a mais forte das revivescencias
que me alumiam o desejo
— porque era lindo,
estranhamente lindo
o gomil de alabastro
com que minhas ansias todas aquecias ...

Nesta era moderna,
viviamos ainda assim
como os nossos avós, exactamente,
sonhando e fremindo
nos seus serões solarengos,
rodeados de moveis pesados,
incrustados de ouro e prata,
entre recortes de acantho,
a escutar os lamentos e os agoiros
das corujas nostalgicas...
no cimo das cumieiras...

Exhaurido,
entediado e negligente,
puido de saudades,
ainda agora te estou vendo
o brilho daquelles olhos
com que os meus se envenaram,
e ainda sinto os filtros das tuas amphoras aladas,
e ainda escuto os castanholeios claros
com que dansavas para mim,
para mim
e para mim...

Foi a felicidade
que me trouxe a canseira da alegria...

GALVAO CERQUINHO

Rodrigues de Abreu

DE PROFUNDIS

Para Rodrigues de Abreu

Fontes do meu coração, rebentai ! rebentai !
O Poeta que morreu,
esse luminoso e profundo Rodrigues de Abreu,
esse tuberculoso meigo como uma creança,
ó fontes ! entranhou-se em ternura
nos vêios puros em que vos escondeis...

O seu gesto de despedida,
ao partir da sua grande Casa Destelhada,
foi tão cheio de alegria e de resignação,
que um filho do meu coração
acenou naquelle gesto suave e triste
como o ultimo beijo de uma bocca de creança...

Jesus Christo e S. Francisco de Assis :
recebei o vosso irmão
e amparai-o, que vai desfallecido de meiguice.
E si olhardes pra nós, os seus irmãos menos dignos,
ajoelhados na dor desta saudade,
perdoai-nos e encorajai-nos !

WELLINGTON BRANDÃO

MOTIVO DE HARMONIA

Foi n'uma noite assim...
Foi n'uma noite assim que eu A encontrei.
E para que este amor nunca tivesse
um fim banal, burguês,
para que elle jamais tivesse um fim,
nunca mais Lhe falei,
nem a vi outra vez,
nem siquer Lhe beijei as mãos de seda...

Mas, n'uma noite assim, Ella apparece,
entre as arvores tristes da alameda,
a sorrir para mim...

RAUL SANTOS

OS HOMENS

Bom e mau... Convenção. Verdadeira estulticia.
Ninguem é bom nem mau, digo-vos com franqueza.
A hora que passa, sim, é tragica ou propicia.
Os homens são iguaes. E, se não ,observae-os:
o melhor é capaz de commetter horrores,
o pior é capaz de gestos de nobreza:
do chão mais pedregoso, ás vezes, brotam flores;
do céo, nem sempre azul, ás vezes tombam raios.

CLEOMENES CAMPOS

NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS: Recepção do novo academico, D. Aquino Correia. A' direita: o recipiendario, com o seu paranympho dr. Ataulpho de Paiva.

"*La main sur la main, le sac sous le bras . . .*"

ARLEQUIM

Aqui venho de mãos estendidas, a fazer-lhe votos de felicidade.

Acceite-os pelo que elles lhe possam valer e a despeito do atrazo com que chegam. Porque você, Arlequim, já conta tres semanas, tres victoriosas as semanas de existencia e eu, uma garota desconhecida, que sempre lhe quiz muito bem, mesmo quando você nada mais era que uma vaga promessa, hoje, que é uma gostosa realidade, não me posso furtar ao desejo de lhe vir dizer aqui, muito carinhosamente, algumas palavras amigas de boas vindas e estimulo. Estimulo, digo mal, porque Arlequim não precisa delle. Arlequim, a pezar da sua pouca idade, não é menino-prodigio, mas sim um insinuante rapaz, muito "up-to-date", de sorriso ironico e irreverente, que veio supprir uma verdadeira necessidade, nesta Paulicéa nebulosa, em que elle se move muito á vontade, "footingando" á tarde na cidade, frequentando displicentemente o borborinho elegante dos chás e annotando, nos bailes "chics", com uma perversidade amavel, tudo o que vêem seus brilhantes olhos indagadores e o que escuta seu ouvido apurado, para contal-o depois, com uma pontinha de malicia, á curiosidade avida dos que o lêem. . .

Assim, você está de parabens, Arlequim, porque todas as moças elegantes e bonitas de S. Paulo, já lhe querem muito. Aliás Colombina, — a mulher de todos os tempos — ao pierrot tristonho e sentimental, de labios descaidos e olheiras arroxeadas, sempre preferiu o Arlequim, espirituoso e vivaz em cuja boca bem desenhada, ha sempre uma gargalhada sonora e sadia, a mostrar 32 magnificos dentes.

Por tudo isso e pelos nomes que amparavam Arlequim, elle tinha que vencer, — e venceu.

Já lhe disse que você era uma necessidade em nosso meio, e repito, porque voce tinha que vir, Arlequim, e veio, graças a um punhado de moços, (pelo menos de espirito), intellectuais, poetas e prosadores de escol, que bem sentiram isso e, agora, se veem amplamente recompensados, pelo esplendido sucesso que você obteve.

Porque Arlequim se impoz e, hoje, ninguem que se preze de elegante e "raffiné" pode, ás quintas-feiras, deixar de procura-lo, entre uma sessão de cinema e o chá das cinco, ali na Casa Allemã.

E eu penso que Arlequim ha-de sentir-se muito bem em mãos macias e perfumadas, envolto numa onda quente de Guerlain ou Caron, fazendo o Triangulo ou o corso em optima companhia, sob a lúz doirada destas tardes de primavera.

E se, porventura, descuidadamente, o deixarmos na desordem linda de um toucador de mulher, estou que você, ao menos para nos agradar, não ha-de querer brigar com os "bibelots" os vaporizadores, o arminho, a caixa de pó e o "baton" de rouge que ahi houver. Não ; Arlequim é um perfeito e moderno "gentleman" e desde que tanto o apreciamos, ha-de adorar tambem todas essas frageis quinquilharias, indispensaveis e queridas a nós, mulheres, e que assumem a nossos olhos o encanto exquisito das varinhas de condão. . .

Aqui, Arlequim, a sympathia amistosa e um caloroso "shake-hands" da

COLOMBINA

"*Olha á direita*"

"*Claro Escuro . ,*"

De Santos . . .

Leitor amigo, pensa um instante,
Vê se descobres quem elle é :
—Habita em Santos, é despachante,
é grande e forte como um carvalho,
Gosta de chopp, demais até

Leitor amigo, da-te ao trabalho,
vê se descobres quem elle é.

São Paulo Tennis

(Sabbado.)
17 horas.)

— Alô! Alô! Quem fala?

— Mauricio.

Olá! Como vae você?

Você vae ao São Paulo Tennis?

(Um minuto de indecisão)

Vou. Em que dia é a festa?

Acho que é hoje. Hoje não é dia 3?

Tá certo. Só isso?

Quero que você faça a critica.

— Ta certo. Que mais?

— E que traga tudo escripto á machina, na segunda feira de manhã.

— Ta certo.

(Um dedo de prosa fiada)

— Tchau!

— Té logo.

(21 horas.
São Paulo Tennis.
Passa o Alvim.)

— Como vae, Oswaldo?

(Elle, dando-me um charuto:)

— E' assim que se recebe, hoje.

— Bravos, Presidente! Vou fazer uma porção de elogios a você, no Arlequim. Veja lá: o Alvim é um prezidente batuta, porque fez uma porção de reformas excellentes na séde. Por exemplo, essa entrada: ficou um mimo; você é o melhor presidente, porque é o que deu mais festas — quasi uma por semana; você... mas, espére um pouco... Este charuto é de mentira! Retiro tudo o que disse!.. (O Alvim vae dar umas ordens, e eu fico só. Não havia ninguem. Isto é, rapazes havia, porém, moças — nenhuma. Então, eu fiquei indignado. Sim, senhor! 21 e meia, e ellas fazendo chic! A que horas começará isto? Francamente, essas moças precisam esquecer o chic e pensar mais na gente. Quantos havia a esperal-as, quantos! Alguns esperavam só uma. No São Paulo Tennis, ha muitos que esperam uma só. Talvez, a maioria...

Emfim, já dizia o poeta que "só a leve esperança em toda a vida..." Desta vez, porém, o poeta não tinha rasão: todos nós estavamos desesperados de esperar...

22 horas.

Ellas riem ou da gente, o que é perigoso, ou para a gente, o que é mais perigoso ainda...

Chegou uma... mais outra... emfim, dezenas de moças entram no salão, apenas grita o jazz-band uma dança rithmada...)

(Segunda-feira. 12 horas.)

— Alô! Alô! Quem fala?

— Mauricio!

— Olá! Como vae você?

— Eu não vou, não! Fiquei e fico esperando a chronica do São Paulo Tennis. Estou aqui, desde as nove horas.

(Aqui, uma porção de adjectivos para mim, que considerei muito maus qualificativos.)

— Pare! Pare, Mauricio! Ouça a defeza. Eu tenho muitas circunstancias atenuantes.

— Eu sei: as classicas...

— Que é que você quer? Si eu tenho o genio assim, a culpa não é minha; por deixar de escrever, tambem não tenho culpa.

— Eu sei quem tem.

— Bem, agora que você já expelliu a bilis daquelles adjectivos, escute: vou dar umas notas e você fará a noticia —

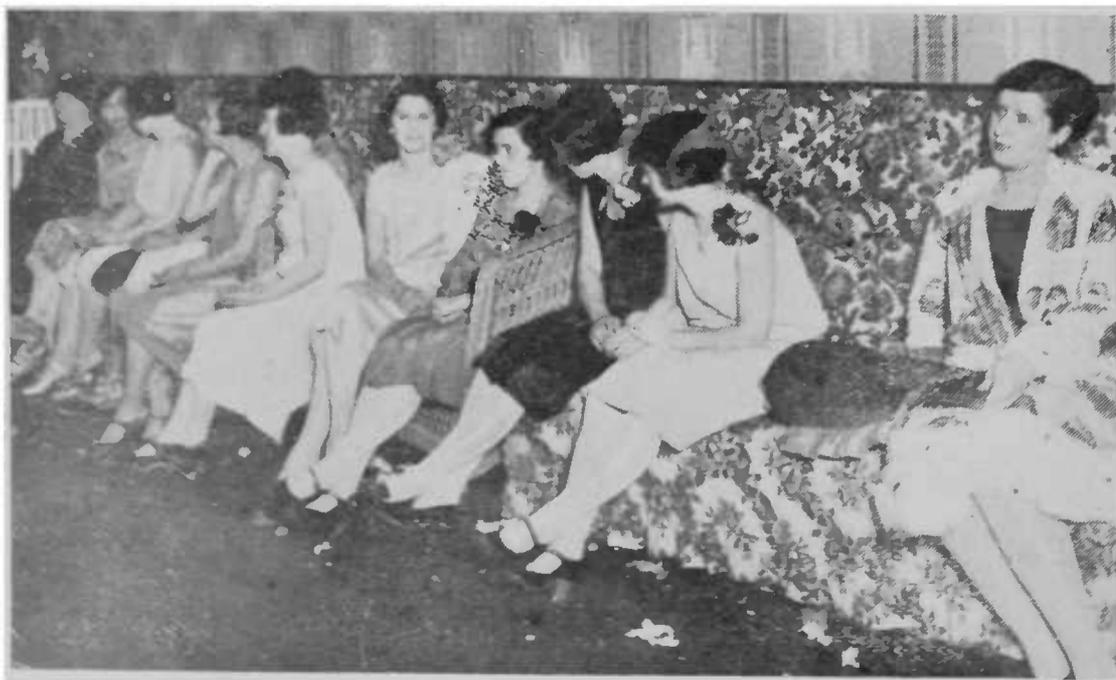
— Ora, sim senhor!

— Ouça e escreva: havia uma menina de vermelho... não era bem vermelho, era uma côr... um desses tons que se usam hoje de arrevesado nome francez. Você já olhou para o sol quando acaba de nascer e depois já fechou os olhos? Não? Pois se o tivesse feito, saberia a cor exacta: um mixto de vermelho e preto — eis o vestido.

— E a dona delle?

— A dona? L. P. L.

— Quero o nome.

— Não dou.

Um começo de diz — que — diz — que, optima onomatopea para uma estrophe de Bopp.

Olhos lentos, lustrosos e longos. E lindos. E luminosos. Ainda no S. Paulo Tennis.

— Bonita?

— Mais do que isso, muito mais. Enfim, o portuguez falhou a respeito de adjectivos qualificativos do bello. Fica o: bonita. Morena, cabellos pretos, olhos pretos, pelle branca, gestos brancos... Sabe o que mais? A Francisquinha Campos falou-me a respeito do "Arlequim" Uma novidade, que qualquer dia levarei no bolso para você ver.

— Quem?!

— A novidade... Você a conhece?

— A novidade?

— Não. A Francisquinha.

— Não.

— Pois Francisquinha faz versos. Francisquinha diz uma porção de coisas espirituosas, tem um sorriso delicioso, e... sabe o mais engraçado? Francisquinha não tem par certo.

— Porque?

— Uma vez ella mo contou, mas pediu que o esquecesse logo depois.

E eu esqueci.

— Quem mais estava no São Paulo Tennis?

— Eu... você não quer fallar de mim?

— Não teria assumpto. E depois para que despender engenho e arte com tão ruim defunto?

— Sabe que me diverti immenso á sua custa?

— Hein?

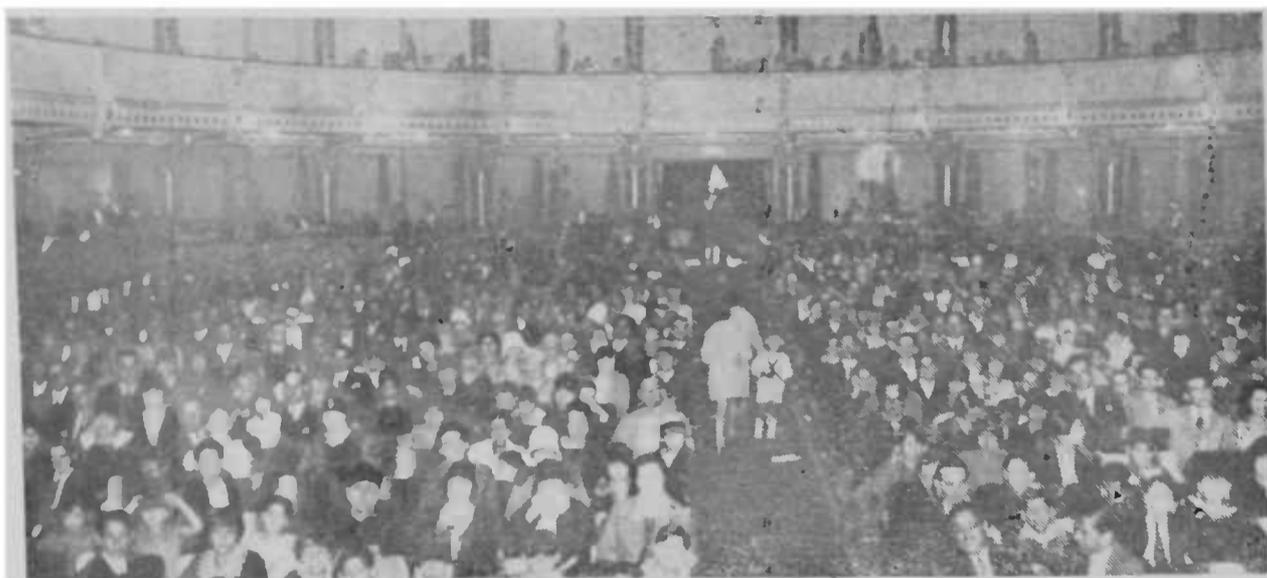
— Tá claro. Pois não foi você que me fez ir á festa.

— Você está alegre hoje.

— Alegria que trouxe do São Paulo Tennis. Sabe o que mais? Vi...

Allô. Allô. Central 1024. Sim, senhorita. Com defeito? não é possivel. Estava fallando.

MEJOR

Reminiscencias da ultima festa da « Tarde da Criança ». As que ahi estão não tarda que sejam moças.

"A Tarde da Criança", no Colyseu Paulista. Aspecto das crianças grandes que foram ver as outras...

Collação de grau das normalistas deste anno, da Escola da Praça da Republica.

Outro aspecto da encantadora cerimonia. Nas mãos de cada uma ha um futuro a desenrolar.

UM POEMA INTEIRO

Ha um conto de Perrault em cada vida,
levemente alterado :
— Tu foste a minha "Bella Adormecida"

. . . .

Mas, eu não fui teu principe encantado.

RAUL SANTOS.

Acima : no chá da Casa Mappin. Ao lado : um grupo de ropazes da Associação Christã de Moços.

Aspecto da assistencia presente á collação de grau das normalistas.

A visita dos campeões francezes

Encantadora e elegante a festa esportiva que a Federação Paulista de Tennis proporcionou, domingo ultimo, nas quadras do C. A. Paulistano, ao publico desta capital, apresentando-lhe os campeões francezes Jean Borotra, Jacques Brugnon e Christian Boussus, do "Racing Club de France".

Valendo por uma fina demonstração de amizade e cavalheirismo esportivo, e tendo despertado vivissimo interesse, esse encontro internacional attrahiu á elegante séde do gremio do Jardim America uma assistencia enthusiasta e distincta, que applaudiu com calor as brilhantes victerias dos tennistas francezes.

Representando a entidade promotora do encontro, jogaram os conhecidos tennistas paulistas Nelson Cruz, Erasmo Assumpção Junior e Eduardo Garcia.

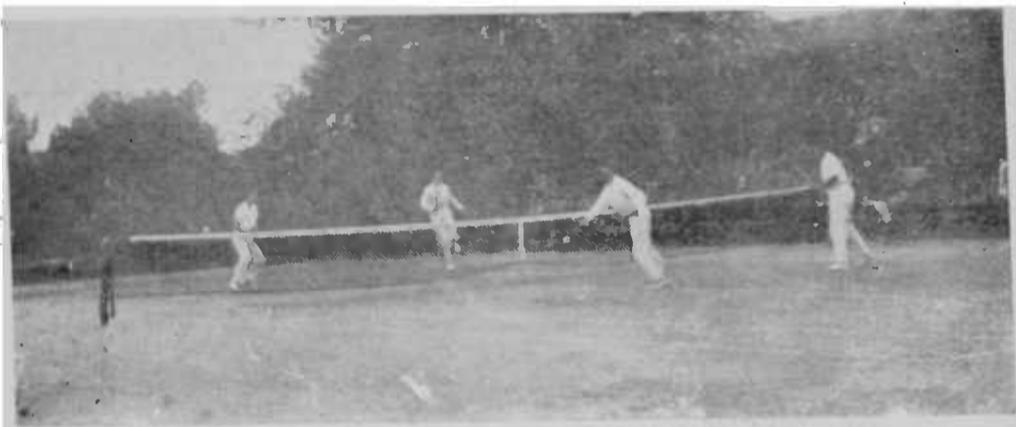
A Borotra, que incarna a bonhomia do espirito gaulez, couberam a maior parte das demonstrações de simpathia dos torcedores.

Christian Boussus foi mais feliz. Um tanto bonito e elegante, o jovem campeão francez teve por si as palmas das torcedoras, que não eram poucas...

Brugnon, coitado, mereceu apenas o elogio dos technicos, por seu jogo firme e caracteristico,... mas os techinicos não passam de technicos.

As partidas terminaram com os seguintes resultados:

Borotra venceu Nelson por 6-1 e 7-5.
Brugnon bateu Garcia por 6-1 e 6-3.
Borotra-Boussus venceram Nelson-Erasmo por 6-0 e 6-4.

Da esquerda pora a direita : Martin Plaa, Brugnon, Nelson Cruz, Erasmo Assumpção Junior, Jean Borotra, Christian Boussus e Maercio Munhcz

um lance da partida de duplas

Aspecto da assistencia

Jesuina de Chaby

Chaby Pinheiro

Edith Falcão

Palmeirim Silva

Alguns artistas que tomarão parte na festa em pról da "Casa dos Artistas", essa instituição que a bondade de Leopoldo Fróes imaginou e da qual o eminente actor é presidente perpetuo.

Odilon Azveedo

ELEGANCIAS

Meu amigo mau anda intoleravel. Depois das conclusões que tirei daquella historia dos pequeninos palhaços tristes, elle leva sua selvageria a ponto de não responder ás minhas perguntas.

Perdi duas horas hontem, tentando arrancar-lhe uma palavra. Foram de todo perdidas as duas horas, porque a palavra não sahiu.

Hoje, pelo seu sorriso, veio-me um certo optimismo: calculei conseguir delle alguma coisa.

— Seja gentil. Quero a sua opinião sobre os novos sapatos de pelle de cobra.

— Não gosto de pés.

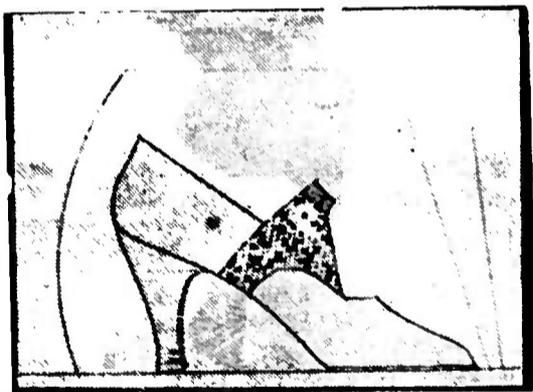
Sou teimosa. Teimosissima. Mas, infelizmente, meu amigo mau é mais que teimoso. Elle é bretão de origem. Insisto:

— Não custa dar-me sua opinião

— *Cidade 7. 3. 1.*

— Que é isso?

— Os sapatos não são de pelle de cobra?

— São. De certo que são. Que tem isso, porem, com *Cidade 7. 3. 1?!*

— Tudo. E' o numero do telephone do Butantan.

— Não custa ser gentil, meu amigo. Estou pedindo, ademais. Que é o que pensa dos novos sapatos?

— O mesmo que penso das *jeunes filles.* Nada.

Sou teimosa, teimosa e teimosa.

— Não quero insistir. Quero apenas a resposta de uma pergunta.

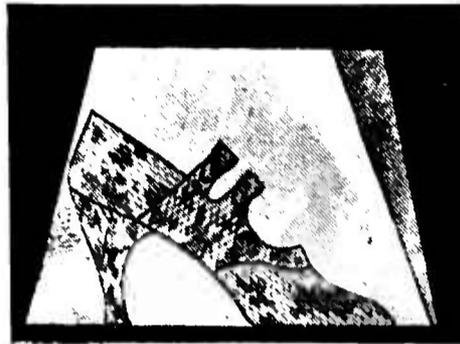
Silencio. Silencio absoluto.

— Promettido? Preferia que os sapatos fossem de outro couro?

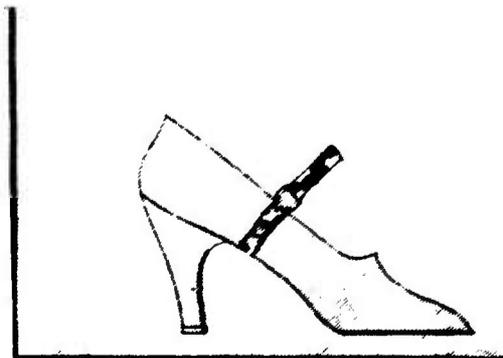
— Sim. O das mulheres bonitas.

* * *

Um poeta disse:

Lorsque le pied se voit la jambe se devine.

Verdade é que actualmente a perna deixa mais do que adivinhar-se. Por isso, o pé adquiriu mais importancia ainda.

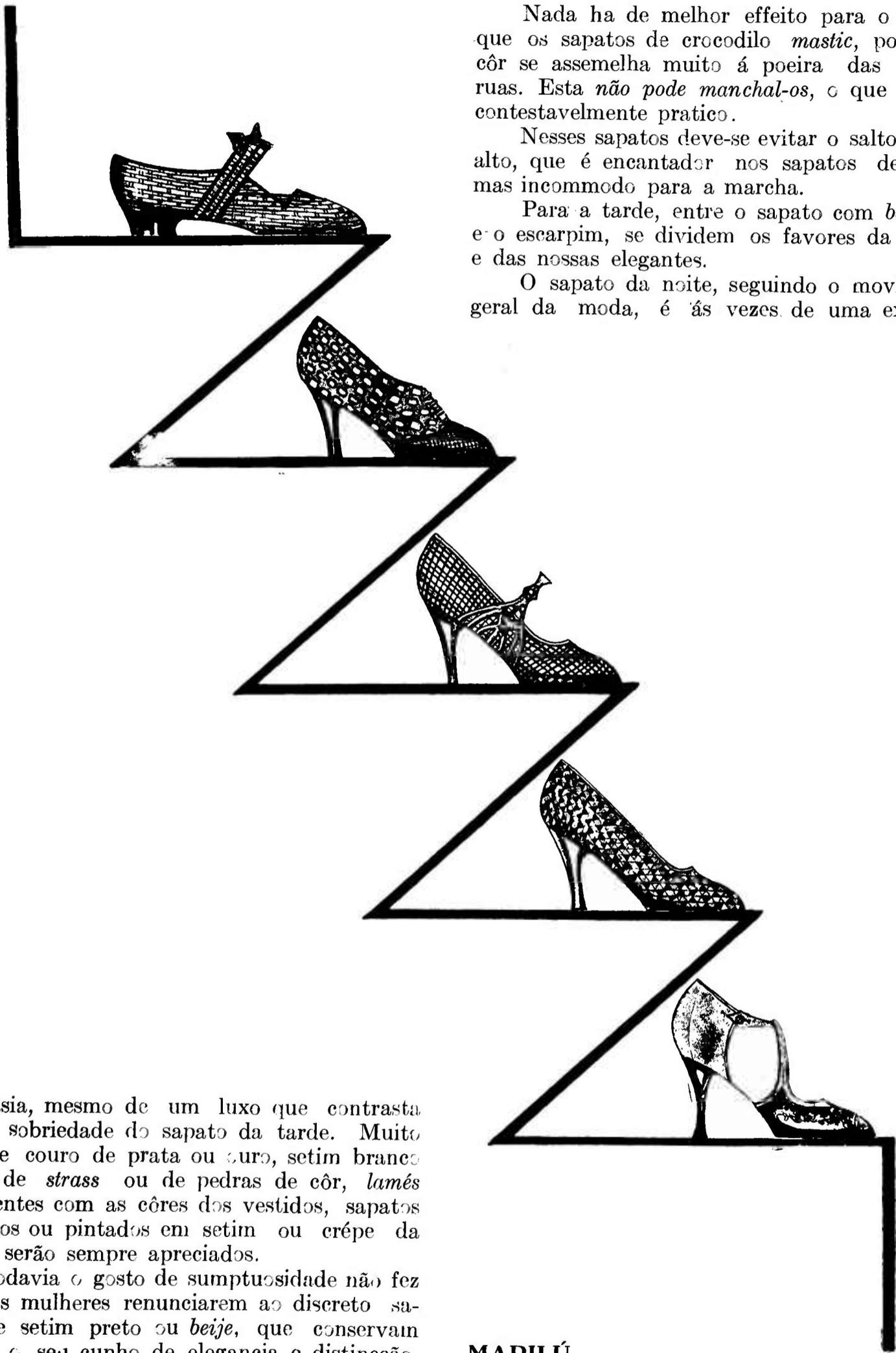
Estar bem calçada é uma arte. Uma arte que se não teria razão de desdenhar. Commummente se imagina que a moda dos sapatos é moda que não varia. Que erro, no entanto! Os sapatos, como os demais accessorios femininos, se modificam constantemente. Na hora que passa, o sapato feminino aperfeiçoa-se quanto á materia que o compõe. Os couros ditos exoticos, as pelles de cobra, de crocodilo e de lagarto, trouxeram para a arte do sapateiro uma contribuição nova, assás inesperada. A voga se affirma, entretanto, cada vez mais.

O sapato de pelle de cobra, por exemplo, *gris beije lacheté* de preto, é verdadeiramente uma novidade original, original e ousada. Mas nada mais nos surprehende, em se falando de moda: dahi ser elle hoje commummente encontrado ao lado do classico sapato de verniz preto.

ARLEQUIM

Nada ha de melhor effeito para o *footing* que os sapatos de crocodilo *mastic*, pois essa côr se assemelha muito á poeira das nossas ruas. Esta *não pode manchal-os*, o que é incontestavelmente pratico.

Nesses sapatos deve-se evitar o salto muito alto, que é encantador nos sapatos de baile, mas incommodo para a marcha.

Para a tarde, entre o sapato com *barrettes* e o escarpim, se dividem os favores da moda e das nossas elegantes.

O sapato da noite, seguindo o movimento geral da moda, é ás vezes de uma extrema phantasia, mesmo de um luxo que contrasta com a sobriedade do sapato da tarde. Muito *lamé* de couro de prata ou ouro, setim branco *clouté* de *strass* ou de pedras de côr, *lamés* condizentes com as côres dos vestidos, sapatos bordados ou pintados em setim ou crépe da China, serão sempre apreciados.

Todavia o gosto de sumptuosidade não fez algumas mulheres renunciarem ao discreto sapato de setim preto ou *beije*, que conservam sempre o seu cunho de elegancia e distincção.

MARILÚ

A Cigarra

Ao Lima Campos

I

Pouco lhe importa o pão de cada dia,
não lhe faz conta o dia de amanhã:
despreoccupada, o alvo canto irradía,
glorificando as pompas da manhã.

Difunde calorosa melodía,
que é uma vibrante exaltação a Pan
—musica electrizada, que alumía,
—sonoridade que é da luz irman.

Despertador galvânico da mata,
alarma borbotando uma cascata
de rútilos zinídos musicantes.

E morre, exhausta de viver cantando,
rôto o arcabouço, que trazia pando
de zumbidôras notas fulgurantes.

II

Entre as scintillações do meio dia,
seu pertinaz gorjeio é qual torrente
de musicas centelhas — hymno quente,
que ao resplendor da vida ella associa.
Seu trino vibra luminosamente;
é som e luz no mais estreito enlace.
E a zinideira canta (quem não sente?)
como a luz cantaría, se cantasse.
Ensoalheirada, toda a voz desata,
e o trilo é um jacto luminoso soando:
nem se distingue, de maneira exacta,
se é cigarra ou se é luz que está cantando.
Imagino que são fecundadores
os trinados da ardente cantadeira:
lembram beijos do Sol vindos ás flores
em besouros de luz sonóra, esparsos,
que, em deslumbrantes voêjos, de carreira,
fossem, no polem, mergulhando tarsos.

III

Seu canto, á tarde, é luz crepuscular;
não é o hymno fulgente da cigarra:
é desmaiado arpêjo de guitara
—saudade de si mesmo a soluçar.

Era um clarão sonóro — uma fanfarra
de luz intensa e alegre, a espadanar...
Agora é claridade de luar:
toda a tristeza de um sol-pôsto narra.

Quedo-me a ouvil-o, então, como se o ouvisse
muito longe... E, evocando a meninice,
revejo-me, a esboçar meu proprio fado,

(caçador da chiméra, ainda bisonho)
perseguindo a cantora, deslumbrado,
qual um homem que corre atraz de um sonho...

Theophilo Barbosa

REFLEXÕES DE UM DOENTINHO

Tudo mudou de repente. A casa fez-se tetrica, ora calada, ora ciciante de cochichos. Elle não gosta muito destes por lhe lembrarem certa historia de "almas" que a cozinheira conta. Quando está esperto reconhece os parentes confabulando. Apanha-lhes mesmo uma ou outra palavra que não entende mas que o assusta, certo pela entonação com que é dita:

— 39 gráos!

— Subiu!

As salas, tão arranjadinhas, andam agora numa mixordia de desanimo. Na das visitas, para onde lhe arrastaram a cama, estão as cadeiras num recanto, sotopostas, com os pernis de páo para o ar e a aninhagem do estofo á mostra. Um cobertor tapa a luz da janella e uma bacia ficou esquecida no tapete.

E a mamãe, como anda feia! Sem o carmim e o pó de arroz, as sardas e os cravos visiveis. Os irmãos, tão endiabrados caminham na ponta dos sapatos e arregalam olhos espantados para o recanto onde elle está.

A' vezes as vozes se alteiam, briguentas:

— Chamo outro medico...

— Não quero. Tenho confiança neste.

— E' um burro!

Sobresalta-se, mas sempre prefere o palavrorio aos cochichos e ao silencio que, justamente quando mais lhe aperta o somno interrompem com correrias tontas, portas fechadas de estalo. Vozes afflictas abafam-se ciciando tremulas:

— Está com o corpo frio...

— Tragam o café.

— Depressa!

E os homens que o visitam? que palermas! Teem sempre umas novidades aborrecidas: com colher espremem-lhe a lingua, engasgando-o; chegam-lhe vela accesa junto dos olhos; fuchicam-lhe a barriga; ou ainda o descobrem para fincar a cabeça pesada no seu peito fraco. Mas ahi zanga-se e chora. E' de mais! Chegam sempre quando está meio a dormir. No principio não percebe, mas tantas fazem que esperta, sobresaltado. Sente qualquer cousa acalcando-lhe a testa. Não sabe bem que é... Mas essa pressão dá-lhe pesadellos medonhos: começa a ver sombras desengonçando-se pela parede ácima até tremelicarem no tecto á luz da vela. E mil carantonhas pavorosas — primeiro distantes e pequeninas, mas veem chegando e crescendo.. Num estremecimento, esperta, ansiado. E ahi comprehende: é o tal sujeito com a mão esparramada na sua testa; são as pessoas de casa, em alvoroço em redor da cama. Até a cozinheira, fedorenta á alho, olha-o embobecida, enxugando as mãos no arregaçado da saia.

Agarra-se á mamãe, espavorido.

Parece maluca essa gente!

Quando o somno não é muito, acha graça. O que se riu quando a vizinha, aquella gorducha feiosa, barafustou esfogueteada, sala a dentro, carregando um panelão com agua fervendo! Outras mulheres vieram atraz; muito sapecas, entenderam de lhe tirar a roupa afim de o lavar numa banheira com agua suja. Para afugental-as berrou e debateu-se. Mas veio o SOMNO... Ao acordar, estava mesmo dentro do tal banho nojento com o mulherio á roda, embasbacado para o seu corpo.

Que raiva!

E os taes panninhos que lhe amarram aos pés? deixam vermelhão de queimadura.

Desde que o percebeu, não consente mais. Grita, e todos fogem, receiosos:

— Não contrarie que elle peora.

— Deixe, coitadinho!

Fingidos! Veem depois sorrateiros, com as munhecas tacteantes por baixo das cobertas e, se o pilham descuidado, zaz! queimam-lhe as pernas! Santo Deus! precisa estar sempre alerta, de olho vivo p'ra se defender! E anda exhausto.

Gente boba! Um gesto que faça ou palavra que diga, contam-no uns aos outros, radiantes:

— Pediu agua.

— Sentou-se.

De proposito não se mexe nem fala, amuado.

Em compensação não lhe recusam o que peça. Pois tudo elle amarrota e espedaça porque o máo estar o põe impaciente. E a mamãe, sorrindo:

— Já faz travessura o meu filhinho!

Veem os irmãos com os brinquedos. (Dantes, se se arriscava a pegal-os, ás furtadellas, davam-lhe logo um bofetão). De proposito espatifa-os, espiando os donos. Riem-se, amavelmente.

Pois essas mudanças — más e boas o põem desassocegado, medroso, infeliz.

E tudo o estafa! Seu corpo, mollengo, pésa que parece chumbo! Não tem gosto para brincar. Os brinquedos tomam espaço na cama e o espetam, arranham — incommodam. Como ficaram aggressivos os bonecos e carrinhos de páo!

Só deseja dormir, mas bem socegado, sem que o importunem para os banhos que o arrepiam nem lhe despejem o leite ensosso pela bocca.

Pois ha de comer sem fome o que o enjôa?

Malvados!

E até a mamãe. Ai, é a peor de todos!

Exhausto, o doentinho adormece.

No silencio absoluto da casa entristecida, de vez emquando o som indifferente de um piano na vizinhança, do latir de um cão ou do cantar de um gallo sôa, assim destacado, com uma *importancia* de impressionar.

E' sinistro o *tic tac* do despertador pousado sobre a mesa entre os vidros de remedio...

Tic tac .. *Tic tac*... Marca, automatico, as sensibilidades que morrem, intelligencias que se apagam — vidas que passam.

Murilla Torres

MARQUEZ

Agora?

CONDESSA

Felizes, muito mais felizes do que outr'ora,
Recomecemos, sobre o felpudo tapete,
O passo interrompido... o nosso minuete!

(Na orchestra, um murmurio de minuete vaporoso. Dansando, o Marquez persegue-a, tentando beijal-a. Ella se defende com o leque, o fino leque, fidalgo. Afinal, offegante e vencida, cahe-lhe nos braços).

MARQUEZ

Oh! Como é bom cantar, num beijo extasiado,

CONDESSA

A cantiga do amor...

MARQUEZ

A canção do peccado!

(E é um longo beijo perturbante, de volupia e de febre, em que que ha desejo, extase, desvario... E sobre aquelle glorioso despertar de sonho, o reposteiro corre lentamente)...

MEU DUELLO COM CINISELLI

Esta historia pode ser lida por barões, condes, marquezes, principes, grãos-duques e até por um pretendente a algum throno ou rei desterrado, porque elle fala de homem que descende de uma das familias mais antigas da Europa.

Meus antepassados tomaram parte na invasão dos tártaros (1240 - 1241). Como hungaros, não como tartaros. Tomaram parte nas Cruzadas, na guerra dos trinta annos e na dos sete annos. Em uma palavra, estiveram em todas as partes onde se podiam adquirir feridas e não fortunas. E quando terminavam as grandes guerras, ficavamos nós, pobres, com o peso de um grande nome historico sobre os hombros. E não sabiamos o que fazer. Nossa familia foi-se extinguindo e, por fim, fiquei só, ultimo, representante daquella grande familia com o peso de trinta annos nas costas e um emprego de escrivão.

Eu era um joven moreno, fogoso, de olhos negros e sobrancelhas cerradas. Attrahida por essses predicados, a esposa do director do Circo Ciniselli começou-me a namorar.

Aquelle namoro, aquelles olhares ternos encheramme de receio, porque é preciso saber que Ciniselli era um homem de força herculea, que detinha na carreira o cavallo mais selvagem, alçava os maiores pesos e — o que era de arrepiar os cabellos — no fim do espectaculo tirava de cima da cabeça da mulher uma maçan, com uma bala de revolver.

E', pois, comprehensivel — embora não tivesse herdado dos meus avós a covardia — que eu recebesse com certa moderação os apaixonados olhares daquella senhora. Que diabo! Ha tantas mulheres no mundo casadas com tranquillos burguezes, porque haveria eu de namorar precisamente a mulher de um homem tão perigoso?...

Mas a mulher não tinha modos. Uma noite, num corredor escuro, agarrou-me o braço e soprou-me ao ouvido:

— Covarde!

— Não diga isso! respondi-lhe em suave reprehensão. A senhora bem póde comprehender que nem por uma mulher dez vezes mais formosa eu enfrentaria um hercules como seu marido.

— Tem em tanto apreço a vida?

— Naturalmente. Sou o ultimo descendente da familia Sary de Kerekret. Meu dever é conservar-me no mundo o maior tempo possivel e esse é o unico dever que cumpro com satisfação.

— Pois eu te obrigarei a amar-me.

Já me tratava por tu. Depois deu-me um beijo.

— Porque te adoro! cochichou-me e afastou-se num andar gracioso, lançando um suspiro apaixonado.

No dia seguinte, aproximou-se de novo.

— Já te resolveste?

— Não.

— Entretanto, quero fugir de meu marido, — seja como fôr, e tu foste o escolhido para raptar-me.

— Mas, meu Deus! porque quer a senhora abandonal-o. E' um homem excellente, o ideal dos varões: é potente, forte, habil, animoso...

— Tudo isso é certo, mas tenho medo de que um dia elle erre a maçan e me mate.

— Qual o que! Ainda não se deu semelhante facto na historia dos circos.

— Não podes imaginar o medo que tenho quando chega essa parte do programma. Mas elle não quer supprimil-a, porque é a que mais agrada ao publico.

Agarrei-lhe a mão.

— Escute — disse-lhe com voz supplicante. — Ha nesta cidade um advogado, um homem fanfarrão, repugnante, trampolineiro, intrigante e mestre em "chantages". Faça-se raptar por elle. Se o attingir a bala do seu marido, todos nos regosijaremos. Se não lhe agrada o advogado, ha aqui um alfaiate a quem todos os intellectuaes do logar devem.

Ha ainda um grande lavrador ao qual devemos uma quantia elevada, perdida nas cartas. A morte repentina de qualquer desses dois homens estabilizaria as finanças da nossa cidade. Mas, que deseja a senhora de mim? De um pobre diabo, pobre mas honrado?

— Só a ti é que quero — disse a mulher e deu-me uma mordidazinha na orelha.

Empallideci. Daquella noite em diante não fui mais ao circo. Quatro dias mais tarde, dispunha-me a comer tranquillamente, em minha casa, uma coxinha de gallinha, quando, pela janella aberta, uma mulher saltou-me dentro do quarto.

Era ella, a senhora Ciniselli. A coxinha cahiu-me da mão. Fechei a janella.

— Espere... Espere um instante. Voltarei neste instante...

Fechei-a no quarto, corri ao circo e disse ao marido:

— Cavalheiro! Sua mulher está em minha casa.

— Miseravel! exclamou o hercules e campeão de tiro, e atirou-me contra a parede.

— Mas, ouça, aqui está a chave, vá buscal-a.

— Vou buscal-a, mas saberei cumprir com meu dever.

Arrancou-me da mão a chave do meu quarto, levantou-me do solo, segurando-me pelas pernas e, assim fui transportado, de cabeça para baixo, pelas ruas da cidade.

No dia seguinte desafiou-me.

Eu, então, fiz aos meus botões as seguintes perguntas:

"Pode-se considerar como cavalheiro um homem que, em camiseta e no circo, levanta de golpe trezentos kilos?

"Pode-se considerar como cavalheiro um homem que tira da cabeça de sua mulher uma maçan com uma bala de revolver?"

"Pode-se considerar como cavalheiro a um homem que segura outro pelas pernas e desse modo o transporta pelas ruas?

Uma voz interior (provavelmentea do meu anjo da guarda) dizia-me que quem fazia taes coisas não era um cavalheiro.

Mas, a voz exterior, a do conde Estevam Karolyi me disse que tal homem era um cavalheiro, pois o conde Estevam Karolyi tinha o costume de dizer que se achava disposto a bater-se com todo o mundo, até com o moço de recados. Isso era muito facil de dizer, porque, provavelmente, haverá poucos moços de recados que tenham a intenção de desafiar o conde Estevam Karolyi.

Tambem o nome illustre da minha familia, o nome dos meus gloriosos avós, me obrigava a acceitar o desafio. Do contrario, meus illustres avós, se agitariam nos sepulcros, inclusivé aquelle a quem os infieis arrojaram do alto das muralhas de Jaffa e que desappareceu sem deixar rastó.

Acceitei, pois, o desafio. As testemunhas decidiram que o duello fosse a trinta passos e que os adversarios avançariam cinco a cada tiro.

A morte era certa. Redigi meu testamento e escrevi algumas cartas de despedida. Fiz a minha refeição de despedida, com pratos escolhidos, e estive comendo largo tempo. Meus padrinhos queixavam-se, dizendo que chegariamos com atrazo.

Antes de partir, tirei da fructeira duas maçans e enfiei-as no bolso. Durante o caminho, ainda tive tempo de comer uma, o que fez os meus padrinhos se mostrarem admirados do meu sangue frio.

Chegados ao local escolhido, puzemo-nos em frente um do outro. Atirei em primeiro logar e errei o tiro. "Adeus, mundo!", murmurei e baixei tristemente o revolver.

Vi Ciniselli avançar tranquillamente cinco passos e levantar a arma. Enfiei, então, sem saber porque, a mão no bolso e encontrei a maçan.

— Um momento! exclamei, e puz a maçan sobre a cabeça.

O rosto de Ciniselli contrahiu-se, como de quem soffria uma dor physica. O hercules parecia lutar contra si mesmo. Seu braço cahiu varias vezes e varias vezes tornou a levantar-se... Afinal, a bala partiu e arrancou a maçan da minha cabeça.

Eu estava salvo!

Como olvidarle!

Como olvidarle si dejó en mi vida
todo el encanto del primer amor;
si el me dejó la senda florecida,
si sus besos menguaron mi dolor!

Cómo olvidarle cuando el alma pena
por la mirada de sus negros ojos;
cuando aun el eco de su voz resuena
rememorando pristinos sonrojos!

Imposible olvidarle! Su sereno
mirar será en la eternidad mi historia...
Amar, sufrir. Que vierta su veneno

la vida en mi existencia transitoria;
mis manos mustias, al finir mi exódo,
han de alargarse a perdonarlo todo!

Aida Moreno Lagos

A esmo

Sincero e chão, sem vaidade nenhuma,
vou pelo mundo afóra indifferente
á indifferença com que sou tratado...

Se a multidão se agita, eu fico inerte;
se ella em protestos clama, eu fico mudo;
sorrio para os bons e lastimo os perversos,
que o são contra a vontade, por determinismo...

Não me importa saber a minha origem,
se descendo de Adão ou da monéra;
apenas um mysterio me interessa
e me faz pensativo e tremulo de medo:

O amor — essa invenção
de um máo espirito qualquer —
que faz de um homem forte, um titere, um brinquedo,
uma bolha de sabão,
nas mãos de uma mulher...

Mario L. de Castro

O BRINQUEDO

GEORGES DOLLEY

ADAP. DE MERCADO JUNIOR

Tristeza de "clown"

— O Sr. esteve sem graça, hoje.

— Pudéra! deante de crianças...

— E, depois, o Sr. não é o mesmo: está triste: em vez de facecias, põe-se a contar ao publico uma porção de historias lugubres; de cinco em cinco minutos, chóra um choro que parece verdadeiro; essa roupa que estreou hoje, não é nada alegre: um "maillot" de seda preta todo pingado de lagrimas prateadas. Isso nunca foi roupa de palhaço. Si continuar assim, dentro em breve teremos de nos separar."

E o director do circo sahiu do camarim do "clown" Kiki.

O equilibrista entrou, derrubando uma cadeira.

— Alô, Kiki! Que é isso? Tristezas?

— E'.

— Porque?

— Estou apaixonado com uma paixão maluca.

— Por Lili, a amazona?

— Você sabe?

— Ora, todo o circo sabe.

— Pois é: eu amo a amazona.

— Case com ella.

— Ella não quer... Viver em companhia de cavallos, deu-lhe gosto pelo campo. "Você tem cem contos? Si tem, eu me caso com você, e compraremos uma fazenda"

— E então?

— Então... eu não tinha os cem contos, e desisti. Pensei no suicidio. Resolvi ser morto pela mulher amada. Durante o espetaculo, depois de ter vestido esta minha roupa-mortalha, eu me atirei debaixo do cavallo della. Mas, elle é tão bem ensinado... Pulou por cima de mim com toda a delicadeza... Inda tentei mais umas trez vezes. Depois, cansado, eu me levantei. Preciso procurar outro meio de suicidio.

— Console-se, meu caro. Você ainda dará um geito nisso."

O equilibrista sahiu, derrubando a bandeija que estava em cima de uma cadeira, e o "clown" vestiu-se de gente.

Um bom pae

Kiki ia sahir do camarim, quando um senhor entrou. Gordo. Parecia rico.

— E' com o sr. Kiki que eu tenho a honra de fallar?

— Tem essa honra.

— Eu sou o sr. Feculento. Poderemos trocar duas palavras?

— Mais, até.

— Quanto ganha por mez?

— Quinhentos mil réis.

— Deseja ganhar dois contos?

— Fazendo...

— De brinquedo.

— Hein?

— Explico. Offereço-lhe dois contos por mez, para ser brinquedo de meu filho. Eu adóro o pequeno. Calcule que elle tem cinco annos e está "blasé", com um grande fastio dos brinquedos communs. Gosta muito de "clowns" "Quero um "clown" de verdade", disse-me. Como sou muito rico, pensei em fazer essa proposta ao sr. Acceita-a?

— Negocio feito. Póde preparar o contracto. Amanhã estarei em sua casa, levando as minhas roupas de "clown"

O sr. Feculento apertou a mão de Kiki.

Antes de deixar o circo, que via pela ultima vez, Kiki foi á estrebaria e cortou uma grande mecha da crina do cavallo da mulher amada. Depois, partiu.

Um brinquedo extraordinario

— Sr. Kiki.

— Sr. Feculento.

— Quando eu o offereci a meu filho, como brinquedo, a alegria da criança foi immensa.

— Tenho trabalhado conscienciosamente no meu officio de brinquedo, a qualquer hora do dia ou da noite, segundo a vontade do jovem Feculento. Tenho dado cambalhotas, saltos e piruetas; ao seu primeiro desejo, faço tudo o que um "clown" póde fazer, e isso só para o seu filho e para os convidados delle.

— De facto, a alegria de meu filho e dos seus convidados tem sido extraordinaria.

... e incommoda.

Durante oito dias foi tudo muito bem, mas, agóra, meu filho, minha mulher e eu, estamos fartos do sr.

— Hein?

— Hontem, o sr. bateu no meu filho.

— Elle enjoou de mim, como brinquedo, e quiz me quebrar.

— Dizendo facecias, o sr. perturba o trabalho dos meus criados... Seduzido pelo circo, o meu copeiro, seguindo os conselhos do sr., quer ser equilibrista: já me quebrou cinco duzias de pratos.

— Quando tiver quebrado umas trinta, estará mestre.

— A criada de quarto de minha mulher vive a querer passar pelas rodas de arco de meu filho.

— Ella tem muito geito...

— O sr. quebrou a maioria dos moveis e "bibelots" dos meus trez salões.

— Para dar saltos perigosos, a pista do circo é muito mais commoda.

— E' melhor ir-se embora.

— Tenho um contracto de cinco annos.

— Quanto quer para nos deixar?

— Cem contos."

O sr. Feculento reflectiu; havia contracto, haveria processo. Esse processo fal-o-ia a risota de toda a gente: comprar um brinquedo vivo para uma criança!

— Amanhã terá os cem contos, e partirá.

— Perfeitamente."

A casa de um brinquedo

O "clown" Kiki casou com a amazona Lili. Compraram uma fazenda. Quando um vizinho pergunta a Kiki como foi que elle fez fortuna, Kiki responde, deixando o visitante estupefacto: "Esta fortuna! eu a ganhei no tempo em que era brinquedo..."

Rejuvenescer

Ser rico, forte, bello, já não basta. Ser joven, sempre joven — eis problema de muito maior importancia.

Cumpre estabilizar a mocidade, tornal-a inaccessivel á acção do tempo. Não desanimem os pessimistas. Já não satisfazem os cuidados estheticos, a cultura physica, o processo Voronoff? — Pois bem. O cerebro humano é prodigo em soluções. Ahi vem remedio novo, novinho e que tudo renovará. Deve merecer fé. Surgiu no Novo Mundo, num paiz novo e rico em novidades. Impõe-se como therapeutica infallivel. Floresceu no norte e, como o norte é que norteia...

Joven septuagenaria americana, apóz amadurecidas experiencias, conclue: — a convivencia dos livros conserva a mocidade e tem o miraculoso poder de rejuvenescer. O postulado não admitte restricções. E tão convicta está ella dessa verdade que bateu ás portas de uma academia.. Matriculou-se. Vae aperfeiçoar estudos.

Curioso! todos os creadores de doutrina, todos os descobridores de drogas procuram inoculal-as em outrem... Esta é, talvez, a primeira que se faz cobaia de suas proprias idéas. Não póde haver prova mais convincente da efficacia das mesmas.

Alegremo-nos, pois. A velhice encontra, afinal, em boa hora, sua abençoada Clevelandia. Que estremeçam de prazer as cinzas dos sonhadores alchimistas. Sahiu-lhes victoriosa a idéa. Tudo questão de evolução. Antes tarde que nunca! Possuimos a maior conquista de todos os tempos. Foi-se-nos o mais doloroso dos castigos. Hosanna ao triumpho da mocidade, ao imperio da belleza!

Parabens aos editores de "guigne" e aos autores de parcas possibilidades. Si a moda pega, adeus fallencias de livreiros, adeus miseria classica de poetas! Todos ricos, todos jovens. Revolução completa no dominio das letras. Novas escolas, novo material. Que sabor terão os versos de um poeta burguesmente apatacado?

Não tardará vermos diante dos mostruarios das livrarias (espectaculo inedito!) mais gente que nas portas de pharmacia ao tempo da grippe hespanhola. Vae ser um avança que passará á historia. Novo genero de invasão — a dos hypercivilizados.

Parabens effusivos aos nossos desgraçados avoengos, os macacos. A paz, utopia entre os homens, reinará, emfim, no coração das florestas. Simples questão de mudança. Sentindo-se impotente para domar o homem, a branca, figura de brancas azas e sceptro de oliveira, levantará, voo e, confiante, penetrará no reino dos outros animaes. Certo encontrará terreno mais propicio...

Parabens ainda aos medicos psychiatras. A "livromania" surgirá galhardamente no rol das molestias "dernier-cri", marcará época. E este nosso já tão desequilibrado planeta conhecerá, então, o peior de todos os desequilibrios — o entrechoque de idéas mal assimiladas — indigestão cerebral. Crescerão as academias de letras em progressão arithmetica e os manicomios em progressão geometrica. Que interessante!

Adoptando tal theoria, como classificar as rugas de pensador, a calvicie precoce tão commum nos estudiosos? Que succederá aos paizes cujos habitantes preferirem a companhia de espiritos do estofo de Schopenhauer e Lenine?

Ficamos sem saber si elevar estatuas á excentrica americana, si atirar-lhe pedras. Não é para menos. O caso começa, de inicio, a confundir as idéas.

Alerta, sociologos! Ahi vem terremoto.

Maria José Fernandes

O ASSEIO DO LAR

IRMÃOS FERRAZ — S. PAULO